

Orientações Pedagógicas

Literatura: textos de informação e
jesuíticos, poesia do arcadismo
e do barroco

1º Ano | 4º Bimestre | 1º Ciclo

Apresentação

As *Orientações Pedagógicas* oferecem a você um guia acadêmico panorâmico em relação às variadas possibilidades de desenvolvimento dos tópicos previstos no eixo bimestral do Currículo Mínimo. Aqui se expõem e comentam detalhadamente três tipos de materiais que você pode utilizar para planejar suas aulas: livros teóricos para a complementação da sua formação, livros didáticos adotados na rede estadual e *links* que disponibilizam materiais de qualidade. Tudo isso, vale frisar, está explicitamente relacionado aos tópicos a serem abordados no bimestre em questão, e com frequência está recortado através da indicação de capítulos ou trechos específicos.

As *Orientações Pedagógicas* apresentam estrutura regular e facilmente reconhecível. São divididas em seções que estão organizadas em torno de perguntas que guiam nossas reflexões, como seguem:

O que ensinar?

- **Esta seção retoma os descritores do Currículo Mínimo a serem desenvolvidos no bimestre em questão, de modo que esses sirvam como referência para a construção das demais seções e, já no Roteiro de Atividades, possam ser concretizados através de atividades específicas.**

Por que ensinar?

- **Comenta fundamentação teórica que justifica a presença dos assuntos propostos no Currículo Mínimo e a relevância dos mesmos. Também indica o lugar ocupado pelo gênero textual em questão na organização curricular, assim como sua circulação efetiva, sua relevância social e visibilidade.**



Condições prévias para aprender

- Apresenta conceitos e atividades consideradas pré-requisitos para o desenvolvimento dos descritores estabelecidos no eixo bimestral e expõe a infraestrutura básica para desenvolver as atividades propostas.

Como ensinar?

- Descreve e comenta estratégias relacionadas ao desenvolvimento dos conteúdos previstos e ainda seleciona e comenta livros teóricos, livros didáticos e *links* que contenham material a ser usado por você na fase de planejamento das suas aulas.

Como avaliar?

- Sugere caminhos para a elaboração das atividades de avaliação, tendo em vista a busca de coerência em relação ao trabalho desenvolvido ao longo do eixo bimestral. Destaca tópicos e estratégias para orientar os alunos no sentido do aperfeiçoamento de suas habilidades e competências.



O que ensinar?

Leitura

- Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e também ao contexto social de cada época.
- Reconhecer situações de ambiguidade, ironia, e os valores ligados ao ponto de vista do autor.

- Identificar as características do teatro de catequese.
- Caracterizar a linguagem teatral, relacionando os elementos essenciais dessa linguagem (ator-texto-espectador).
- Reconhecer a tríade teatral: “Eu observador, Eu em situação, e o Não Eu, isto é, o Outro”.
- Refletir sobre a história e o sentido do teatro na sociedade.

Uso da língua

- Reconhecer as funções da linguagem: emotiva, metalinguística e poética.
- Identificar mínese, metáfora, discurso figurado, mentira e ficção.
- Perceber os recursos prosódicos (rima e ritmo) e relacioná-los à acentuação das palavras.
- Identificar as normas ortográficas, relacionadas à acentuação e desenvolver um estudo mais amplo sobre o conjunto das novas normas ortográficas vigentes.
- Reconhecer as características de um texto descritivo.

Produção textual

- Descrever o bairro e os costumes de onde mora.
- Produzir paráfrases ou paródias em forma a partir dos poemas estudados.

Por que ensinar?



A escola ajudou na minha aproximação com a leitura. Na verdade alguns professores, que mostraram a leitura como uma das portas para o conhecimento e que através dela se podia viajar e conhecer o novo, o desconhecido. Poder de libertação, de crescimento como humano, respeitar o outro, as diferenças. Mas o Ensino Médio foi bem desestimulante, pois não se trabalha com o aprofundamento da leitura, discussões, mas apenas com a memorização para o vestibular. Não se discutia a função da leitura, sempre textos pesados e que não faziam com que nós jovens tivéssemos interesse por aquilo, pois não se fazia um link com nossa realidade, o porquê daquilo¹.



¹ Depoimento do jovem Leandro de 22 anos, extraído de SOUZA, Ana Lúcia (et al). **Letramento no ensino médio**. São Paulo: Ação Educativa, 2009. p. 15.

Relembrando as orientações previstas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN-2000), direcionadas especificamente ao Ensino Médio, podemos perceber a importância do desenvolvimento das competências e habilidades, indicadas para o professor de Língua Portuguesa/Literatura, no que diz respeito aos textos literários. Segundo o documento de referência nacional na educação, há, no ato de investigação e compreensão da Literatura, o desenvolvimento do aluno na recuperação das "(...) formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas no eixo temporal e espacial."². Dessa forma, torna-se muito importante o contato constante com esse gênero artístico.

A partir de um aprofundamento maior nos textos literários, principalmente nos destacados nesse 1º ciclo do bimestre, que são as cartas fundacionais do descobrimento do Brasil e os autos jesuíticos, você poderá perceber que há a relevância dessas leituras para atender aos descritores do Currículo Mínimo. Diante desse recorte literário, também é possível atender à Lei 11.645/2008³, que torna obrigatório o estudo não só da cultura e história afro-brasileira, prevista na Lei 10.639/2003, como também dos povos indígenas. Porém, percebemos a necessidade de reflexão do professor, junto aos seus alunos, sobre a construção da imagem que o colonizador português criou do autóctone brasileiro.

Outra justificativa interessante para o trabalho com os textos literários é a oportunidade de ampliar o repertório artístico dos alunos. A Literatura, manifestação artística de uma língua, reflete o comportamento de uma sociedade em uma determinada época, conduzindo o indivíduo, através de um processo totalizante de concepção artística⁴, para a reflexão da nossa cultura. Portanto, a arte literária torna-se imprescindível para o enriquecimento sociocultural do educando.

Em relação ao estudo da Literatura, como manifestação artística, podemos vislumbrar, de acordo com as competências e habilidades do Currículo Mínimo, um enfoque especial na linguagem artística teatral, de enorme importância para inserção social do aluno. No Currículo Mínimo, você pode observar que teóricos do teatro⁵ estabelecem algumas tríades teatrais,

² BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio**. Parte II: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2000. p. 24.

³ BRASIL. **Lei 11.645 de 10 de março de 2008**. Acesso em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm

⁴ Processo no qual o indivíduo, em contato com o ser da arte, relaciona-se com o universo e consigo mesmo. Cf. BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004. p. 8.

⁵ Ver. BOAL, Augusto. **O arco-íris do desejo: método boal de teatro e terapia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 220 p. 27 a 29 & MAGALDI, Sábato. **Iniciação ao teatro**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1986. p.

como o cerne das percepções dessa linguagem característica. Através das leituras dos textos dramáticos, há um processo espetacular de descoberta individual e coletiva do comportamento humano, que é peculiar ao longo da história do teatro no Brasil.

Tendo em vista a contribuição social que o texto literário tem na formação do leitor, podemos relacionar os textos fundamentais eleitos neste ciclo com outras disciplinas, como a História e a Educação Artística⁶. Uma vez que os documentos fundacionais revelam um panorama ideológico de determinado período histórico, há a possibilidade de o professor estabelecer diálogos, debates, acerca dos contextos econômicos, políticos e religiosos sob a ótica do discurso do colonizador ocidental.

Paralelo ao panorama histórico, o período literário de fundação da literatura feito no Brasil⁷ torna-se requisito fundamental para a compreensão de outras estéticas literárias, que ocorrerão cronologicamente após o século XVI. Principalmente no Romantismo e no Modernismo, a intertextualidade com as cartas e os autos far-se-á presente tanto na prosa como na poesia dos escritores mais lembrados da nossa história literária. Estudar esses textos coloniais, portanto, permite aos nossos alunos compreender um pouco o processo ideário de construção do nosso país⁸.

Logo, apresentar aos nossos alunos os textos literários que compõem o ciclo e ampliar seus conhecimentos de mundo, através da leitura, também é inseri-los em outras linguagens que muitos não estão habituados em seus cotidianos. A utilização de recursos linguísticos, como as figuras e as funções das linguagens, bem como a tipologia textual descritiva, nas cartas e nos autos jesuíticos, torna-se notoriamente abundante pela riqueza de literariedade presente nesses textos. Esses recursos linguísticos – trabalhados anteriormente ao longo dos bimestres deste ano, através das cartas pessoais e charges – são utilizados de modo diferente na literatura informativa e nos autos catequéticos. Por isso, a literatura, no Currículo Mínimo, foi alocada no último bimestre letivo – quando o aluno, após ser exposto a esses recursos por meio de textos mais próximos à sua realidade ao longo do ano, possui maior maturidade para perceber tais sutilezas.

⁶ Os conteúdos dos 3º e 4º bimestres do Currículo Mínimo de História abordam a questão da América e, especificamente, o período colonial no Brasil. Em Educação Artística, ainda não há um Currículo Mínimo desenvolvido, porém a proposta curricular em andamento prevê, no 4º bimestre dos anos finais do Ensino Médio, um estudo da linguagem teatral, estabelecendo relações bem próximas às competências e habilidades trabalhadas neste ciclo em curso.

⁷ A carta de Pero Vaz de Caminha e outros documentos fundacionais da nossa história, segundo Alfredo Bosi, estão “copiosamente” representados pelas literaturas de viagens, comuns a Portugal e Espanha no século XV. **História concisa da Literatura Brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 14.

⁸ Ver. CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965. p. 204-205.

Por fim, no plano da produção textual, observamos que apresentar o modo de organização do discurso a ser trabalhado, o discursivo⁹, através das cartas informativas, internaliza no discente uma metodologia de observação crítica e social do espaço, meio social, no qual ele vive. Ensinar a redigir textos descritivos e externalizar um pouco da ótica do aluno em relação ao seu ser e ao mundo é, de certa forma, solucionar o impasse descrito na epígrafe desta seção nestas Orientações Pedagógicas. Afinal, não há melhor maneira de “fazer o *link*”, ou seja, a ligação, com as habilidades de leitura e uso da língua a serem trabalhadas do que estimular os alunos à autoria.

Condições prévias para aprender

Este quarto bimestre concentra-se no estudo da literatura. Embora o aluno já tenha experimentado contato com diversos textos desse gênero, como poemas, contos ou romances, uma apresentação formal e sistematizada faz-se necessária. Assim, a partir de agora, a literatura poderá ser vista como campo de conhecimento. Para tal, convém abordar alguns temas fundamentais antes mesmo do ingresso nos descritores do período.

Certamente, a primeira questão diante desse novo campo gire em torno de sua definição. O que é a literatura, afinal? Etimologicamente, a palavra revela ligação com a letra (no latim *littera*), ou seja, a representação gráfica do som da fala. Com efeito, há clara e profunda relação entre escrita e literatura. No entanto, nem sempre foi assim. Antes do desenvolvimento da escrita, as obras eram transmitidas apenas oralmente. Nessa época, técnicas e recursos, como o refrão e a medida do verso, eram utilizados para facilitar a memorização e a compreensão dos poemas. Posteriormente, a habilidade para escrever permitiu o registro das produções humanas e passou a representar um novo e definitivo marco na história das civilizações, o que justifica o prestígio alcançado pelas manifestações escritas desde então.

Dentre essas manifestações, a literatura mostra-se particular. O cuidado na elaboração de versos, o uso do ritmo e da rima, no caso dos poemas e a construção de sentenças, períodos e parágrafos, além da própria sequência do enredo nas narrativas demonstram o trabalho com a linguagem. Da seleção de palavras ao emprego de recursos como as figuras de linguagem para efeito expressivo, nota-se o engenho com vistas a algo diferenciado do meramente concreto ou diário.

⁹Ver. SANT'ANNA, Simone. **O modo descritivo em reportagens: operações discursivas e patemização**. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2010. pp. 34-42 Disponível em: <http://www.letas.ufrj.br/posverna/mestrado/Sant%27AnnaS.pdf>.

É fato que a literatura realiza a significação ao apresentar o nome das coisas e seres, porém subverte a ligação entre o símbolo no plano da escrita e o simbolizado no plano da realidade, inaugurando sentidos. Segundo Marisa Lajolo, “ao mesmo tempo em que significa, o texto literário como que sugere os limites da significação. Dribla o leitor, sugerindo-lhe que o que diz é e não é”¹⁰. Na literatura, busca-se algo para além do significado primeiro dos vocábulos ou, dito de outro modo, além da superfície do dicionarizado. Isso está no cerne da compreensão da literatura como arte. Como a pedra para o escultor e as tintas para o pintor, a palavra é a matéria-prima da arte literária.

Nesse momento, vale recordar com os alunos a distinção entre denotação e conotação, trabalhada no bimestre passado por meio dos gêneros não literários. Voltados para a exatidão, numa necessidade de comunicação clara e objetiva, esses textos primavam pela denotação para falar do mundo real, como se verificou no gênero notícia. Os literários, ao contrário, oferecem outras interpretações e várias camadas de leitura, criando mundos fantasiosos, como nos contos e romances. Por isso, são fundamentalmente conotativos.

Essa criação, porém, não surge do nada. O universo de fantasia presente na obra literária toma a própria realidade por inspiração e modelo. Trata-se da mimesis¹¹ ou imitação artística, que consiste na recriação do real sob o prisma da arte. Para Platão (cerca de 428 a.C. – cerca de 347 a.C.), no terceiro livro da *República*, a imitação da vida cotidiana traria prejuízos ao projeto de constituição da polis ideal, levando à necessidade da expulsão de poetas e dramaturgos da cidade. Seu discípulo Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), porém, pensava diferente. No único livro que restou de sua obra *Poética*, sobre as poesias épica e trágica, o pensador mostra a importância da tragédia para purgar as emoções humanas. Assim, de acordo com a concepção aristotélica, os sentimentos despertados pela encenação trágica auxiliavam o público a lidar com sua experiência diária.

Por sua valorização do trabalho poético, Aristóteles deixou fundamental contribuição para análise dos gêneros literários, tema que se manteve ao longo da tradição dos estudos de literatura. Por isso, compreendê-los é tão importante.

¹⁰ Lajolo, Marisa. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001, p. 38.

¹¹ Para mais ver: CEIA, Carlos. E-dicionário de termos literários. In: <http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes/M/mimesis.htm>. Acesso em: 12 set 2011.

Os gêneros literários representam estruturas textuais que compreendem a predominância de certos traços, como funções da linguagem e determinados recursos linguísticos. Isso não quer dizer, contudo, que a situação de um texto em qualquer dos gêneros o enclausura num conjunto de características. Como diz Angélica Soares:



Se a própria noção do que é e do que não é literário varia com o transcurso dos tempos (...), a noção de gênero literário é também histórico-cultural, obedecendo sempre (...) a um horizonte de expectativas. As noções de lirismo, narratividade ou dramaticidade (que se projetam nos traços dos gêneros), no entanto permanecem, pois nos vêm sendo transmitidas culturalmente. Por isso, ainda reconhecemos nos gêneros literários, vistos como processos de estruturação, categorias didáticas importantes nos nossos estudos literários¹².



Assim, importa destacar aos alunos que os gêneros, longe de representarem categorizações estanques, explicam e esclarecem muitas das opções estéticas presentes na estrutura da obra. São três os gêneros elementares: lírico, épico ou narrativo e o dramático. O primeiro caracteriza-se pela expressão individual dos sentimentos e domínio da função emotiva da linguagem, ou seja, ênfase nas emoções do eu poético. Na Antiguidade, antes de serem escritas, as composições do gênero lírico¹³ eram acompanhadas pelo instrumento musical da lira, justificando seu nome. Na forma escrita, ainda persistem marcas dessa musicalidade original na repetição de versos, estrofes e fonemas.

O gênero épico encontrou sua forma nas epopeias de Homero (meados do século IX a.C.), *Ilíada* e *Odisseia*, obras que também guardam a origem do gênero narrativo. Os textos épicos, em prosa ou em verso, apresentavam um caráter coletivo, com a narração das conquistas e grandes feitos de um povo. Na sua estrutura, podiam ser observados todos os elementos narrativos (o narrador, o narratário, personagens, tema, enredo, espaço e tempo), além da frequente menção a heróis ou figuras mitológicas. A epopeia¹⁴ repercutiu nos romances de

¹² FSoares, Angélica. **Gêneros Literários**. São Paulo: Ática, 2007, p. 77.

¹³ Como exemplos de formas líricas fixas, temos: a balada, a canção, a elegia, o haicai, a ode e o soneto.

¹⁴ Modernamente, nota-se o afastamento da temática intimista, prevalecendo um tom mais social, bem distinto ao que é tipicamente visto como lírico, isto é, a temática de amor.

cavalaria, da Idade Média, no romance pastoril, do Renascimento e nos romances barroco e picaresco. Na época moderna, o nascimento da narrativa¹⁵ deve-se a *D.Quixote*, do espanhol Miguel de Cervantes.

Especificamente, neste bimestre, vale destacar para os alunos as características do gênero dramático, tendo em vista o estudo do teatro de catequese. Nesse gênero, a ênfase está na ação. Por isso, o narrador é eliminado através do emprego do diálogo, provocando a sensação de que a representação se passa pela primeira vez. O objetivo principal não é evidenciar cada parcela da história, como ocorre na epopeia, nem mesmo a forma emocional do gênero lírico, mas o alvo a atingir. Tudo neste gênero encaminha-se para o final do drama, para o desfecho, o que gera expectativa. Além disso, as partes da peça estão ligadas numa sequência lógico-temporal. Elas mantêm, portanto, uma relação de dependência, o que cria a tensão dramática.

Vimos que a cada gênero corresponde uma série de peculiaridades. Contudo, é importante não se ater a formas fixas. Na consideração dos gêneros, o aluno não deve perder de vista o contexto da obra analisada. Afinal, o modo como ela é recebida por seu público e a relação de seu autor com a tradição literária são elementos que influenciam a própria constituição da obra.

De fato, para o crítico Antonio Candido, o estudo da obra literária pressupõe dois momentos. O primeiro seria mais científico, com o levantamento das características estruturantes, enfatizando a obra como campo de conhecimento. Já o segundo momento seria crítico e traria da validade da obra e de sua função como “síntese e projeção da experiência humana”.

A função da literatura, como vista por Candido, na verdade, é a síntese de três outras: psicológica, humanizadora e social. Ao lado das necessidades mais básicas, está a da fantasia. Dos povos mais primitivos às civilizações mais desenvolvidas, verifica-se a elaboração de ficção. Seja por meio de simples anedotas, trocadilhos ou de complexos mitos e contos folclóricos, comprova-se a necessidade universal de criação de histórias. Hoje, convivem as formas impressas, como o jornal e o livro, que representaram uma grande revolução em seu tempo, com as modernas tecnologias do audiovisual e as recentes mídias virtuais.

A influência que uma obra artística exerce naqueles que a experimentam determina a segunda função. Essa experimentação é essencial para a formação de nossos alunos da Educação Básica. A obra toca o ser humano por meio da apresentação de uma perspectiva inovadora, até então, impensável. Isso demanda que o sujeito também assuma um novo posicionamento diante do real. Não é por acaso que a literatura ocupa parte significativa dos programas educativos

¹⁵ O conto e a novela são outras formas narrativas.

de qualquer nação letrada. Contudo, para Candido, ela vai além do aspecto meramente pedagógico. Segundo ele: “Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (...), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela – com altos e baixos, luzes e sombras”¹⁶. Sua força humanizadora é fascinante, mas sua riqueza é vista como perigosa pelos moralistas. Por isso, ao longo da história, quando considerada perversa ou subversiva, a literatura é rejeitada. Por outro lado, por diversas vezes, foi acomodada na “bitola ideológica dos catecismos”¹⁷, do que os próprios textos catequéticos são grande exemplo. Entre esses, estão os primeiros textos teatrais brasileiros, escritos pelos jesuítas com a finalidade de catequizar os índios.

Dada a sua dinâmica, a forma teatral revelava-se mais eficaz que os tradicionais sermões para a difusão dos preceitos religiosos e, por conseguinte, para a consolidação do processo colonizador português. As peças permitiam, como observa Sábato Magaldi, “levar a fé e os mandamentos religiosos à audiência, num veículo ameno e agradável”¹⁸. Um nome que se destacou na “incipiente literatura”¹⁹ de nosso período colonial foi José de Anchieta. Seu teatro esteve filiado à tradição religiosa medieval, na qual se inspirou para a criação de personagens alegóricos a representar o embate entre a santidade católica e os rituais indígenas, tomados como malignos. Com efeito, a modalidade dramática adotada por Anchieta, o auto, relacionava-se com os mistérios e moralidades, praticados na Idade Média, ambos centrados na temática religiosa. Na síntese de Magaldi: “Nenhuma outra forma se ajustava mais que o auto aos intuitos catequéticos”²⁰.

Finalmente, a função social estimula o conhecimento do mundo e do ser. A representação da realidade encerrada na obra literária tem autonomia, mas ainda mantém ligação com o real e a possibilidade de influenciá-lo. É por isso que o leitor, aproximando-se do personagem, pode se reconhecer e atingir, a partir da perspectiva da obra literária, uma experiência enriquecedora.

¹⁶ Candido, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. In: _____. Textos de intervenção. Dantas, Vinícius (org.). São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2002, p. 83.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ MAGALDI, Sábato. **O teatro como catequese**. In: _____. Panorama do teatro brasileiro. São Paulo: Global editora, 2001, p.16.

¹⁹ BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 19.

²⁰ MAGALDI, Sábato. **O teatro como catequese**. In: _____. Panorama do teatro brasileiro. São Paulo: Global editora, 2001, p.17.

Como ensinar?

Por vezes, a literatura foi vista como fruto da deliberada vontade criadora de seus autores. Sabe-se, contudo, que o artista alimenta-se das referências que seleciona da realidade de seu tempo e compartilha do mesmo repertório cultural de seus contemporâneos. Assim, não há como dissociar artista e sociedade. Por outro lado, a recepção da obra pelo seu público leva em conta ao menos dois aspectos. O primeiro diz respeito às técnicas disponíveis para produção e veiculação da arte em questão. No caso da literatura, acompanhamos como as novas ferramentas tecnológicas e a velocidade da comunicação das redes virtuais têm influenciado a produção de novos textos. Conseqüentemente, surgem as inevitáveis perguntas acerca da qualidade do que se produz e dos méritos de seus autores.

O segundo aspecto refere-se aos valores compartilhados socialmente. Que peso é dado a esse ou aquele escritor? Como reagir ao seu mais novo lançamento? Na verdade, a consideração do estatuto literário de um texto pode mudar de acordo com o tempo. O que um dia foi considerado exemplo de literatura, hoje pode não ser e vice-versa. Cabe a determinados setores sociais essa literarização dos textos. Assim, a intelectualidade, a crítica, a mídia com suas listas de mais vendidos, os organizadores de coletâneas e os concursos literários estão entre os principais responsáveis pela consagração ou desqualificação de uma obra.

Nesse processo, a escola ocupa um papel central, revelando “grande poder de censura estética – exercida em nome do bom gosto – sobre a produção literária”²¹. O próprio termo clássico, usualmente atribuído a obras referências de qualidade, tem sua origem na escola. Derivando da palavra latina *classis*, o vocábulo clássico identificava os autores recomendados pelos professores aos seus alunos.

Desse modo, quando pensamos avaliar de modo isento o que lemos, na verdade, seguimos fortes correntes do meio social que atingem nossos gostos e preferências.

Por tudo isso, a consideração dos traços histórico, político e social tem relevância nos estudos literários. Como nos mostra *Candido*²², tanto na produção, quanto na recepção de uma obra, a relação arte-sociedade não se desfaz. Conscientizar-se disso torna os leitores melhores, mais atentos e críticos.

²¹ Lajolo, Marisa. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001, p.19.

²² CANDIDO, Antonio. **A literatura e a vida social**. In: _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia editora nacional, 1976, p. 17-37.

Por outro lado, é importante evitar-se, no ensino de literatura, as rígidas demarcações históricas, que podem acabar engessando as obras em modelos e eclipsando suas particularidades. O trabalho com a palavra, a elaboração da linguagem, cerne da criação literária, jamais poderá ser colocado como secundário. Nem sempre isso fica claro para o aluno que acaba se fixando nos esquemas e quadros sinópticos.

É importante salientar que os resumos, se o professor considerá-los imprescindíveis, podem ser utilizados meramente como recurso didático e não devem se confundir com um programa prévio seguido pelos escritores. Afinal, primeiro, as obras foram construídas mediante a eleição de certos traços estéticos. Somente depois foi possível organizá-las. Logo, quando se fala em movimento, estética ou até escola literária, o que se procura é apenas uma síntese dos aspectos histórico, político, social e artístico, e não uma generalização apressada. Para evitar problemas como esse, o professor pode priorizar o exame dos textos literários, com ênfase nas opções estéticas feitas pelo escritor e, se possível, em cotejo com outras manifestações artísticas com traços ou temas afins.

A seguir, apresentam-se algumas sugestões de leitura e pesquisa, detalhadamente comentadas, para o desenvolvimento de diferentes possibilidades de trabalho em sala de aula sobre literatura, mais especificamente, com os textos informativos e de catequese.

Livros recomendados

Livros teóricos

- BOAL, Augusto. **O arco-íris do desejo: método Boal de teatro e terapia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
Na parte 1 deste livro, A Teoria, Augusto Boal explica a tríade teatral “Eu observador, Eu em situação, e o Não-Eu, isto é, o Outro”, no tópico intitulado: *O teatro é a primeira invenção humana*. (pp. 27-29).
Habilidade relacionada: Reconhecer a tríade teatral: “Eu observador, Eu em situação, e o Não-Eu, isto é, o Outro”.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
No capítulo I, intitulado *A condição colonial*, o autor trata das questões historiográficas e artísticas da literatura brasileira em sua fundação. Nos tópicos *A carta de*

Caminha (p. 14), *Gândavo* (p. 15) e *Anchieta* (p. 19), Alfredo Bosi destaca fragmentos das obras dos autores fundacionais e catequéticos para contextualizar a Literatura Brasileira no período histórico colonial.

Habilidade relacionada: Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e também ao contexto social de cada época.

- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963. p. 105–110.

O autor estabelece um paralelo crítico entre a história da Literatura Brasileira e a Sociologia, levando em consideração reflexões pontuais ao professor de literatura. O capítulo V, intitulado *Letras e idéias no período colonial*, aborda, de maneira didática, como a Literatura Brasileira foi sedimentada tendo em vista as circunstâncias histórico-sociais do período colonial brasileiro. Na página 109, Antônio Candido dedica algumas linhas ao legado literário do Padre José de Anchieta, no tópico *Literatura Religiosa*.

Habilidade relacionada: Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e também ao contexto social de cada época.

- CHALHUB, Samira. **Funções da Linguagem.** São Paulo: Ática, 1997. 63p.

Neste pequeno livro da Série Princípios, a autora dedica-se em cada capítulo a uma função da linguagem: referencial, emotiva, poética, conativa, fática e metalingüística, mostrando que todo texto apresenta várias possibilidades de leitura. As funções têm como objetivo levar o leitor a compreender determinado efeito para determinado objetivo.

Habilidade relacionada: Identificar as características do teatro de catequese; Reconhecer as funções da linguagem: emotiva, metalingüística e poética.

- CHIAPPINI, Lígia. **Gramática e literatura: desencontros e esperanças.** In: GERALDI, João Wanderley, (org.) *O texto na sala de aula.* São Paulo: Ática, 2006, p. 17-25

Neste artigo, a autora discute até que ponto a separação estanque entre ensino de língua e ensino de literatura é necessária à separação didática das disciplinas. Além disso, apresenta o tópico *Concepções de Literatura*, em que explica três das cinco

concepções tradicionalmente utilizadas pela escola: a literatura como instituição nacional, como patrimônio cultural; a literatura como disciplina escolar que se confunde com a história literária; cada texto consagrado pela crítica como sendo literário.

Habilidade relacionada: Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e também ao contexto social de cada época.

- COUTINHO, Afrânio. **O processo de descolonização literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 57-60.

Afrânio Coutinho, neste livro, procura diagnosticar o processo de *descolonização* literária por que vem passando o Brasil através de sua história. Por outro lado, o autor traça diretrizes em direção à *descolonização*. O caminho, para Afrânio Coutinho, está na busca de formas de correção dessas deformações, num *processo* de descobrimento de uma literatura vinculada à prática social do povo. No capítulo I, *Temas de literatura*, especificamente no excerto da palestra proferida na Academia Brasileira de Letras, em 9 de junho de 1963, intitulada: *Anchieta, o santo da Literatura Brasileira*, pode-se perceber o direcionamento teórico do autor no que tange à importância de conhecer os autos catequéticos do padre em questão, para compreender um recorte histórico e literário, importante na (des)construção do colonialismo português.

Habilidade relacionada: Identificar as características do teatro de catequese.

- GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1977. Na 2ª parte, dedicada ao vocabulário, no capítulo 3 – *Parágrafo de descrição e de narração*, o autor expõe o que é a *Descrição Literária*, a importância do ponto de vista do observador, a diferenciação descritiva de *tipo e personagem*, além da descrição de ambiente e de paisagem (p. 216-224).

Habilidade relacionada: Reconhecer as características de um texto descritivo.

- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2010.

Embora todo o livro aborde a visão reflexiva acerca do “paraíso” de riquezas e de exploração e a questão da colonização do Brasil e da América, o autor dedica o ca-

pítulo XI *Nom ibi aestus* (não há calor) ao argumento da condição climática para a ocupação do território equatorial. Especificamente, na página 377, Sérgio Buarque de Holanda cita um fragmento da carta de José de Anchieta acerca do comportamento insubordinado dos índios, sugerindo castigos físicos aos “(...) cavalos, isto é, aos índios”.

Habilidades relacionadas: Identificar as características do teatro de catequese; Refletir sobre a história e o sentido do teatro na sociedade; Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e também ao contexto social de cada época.

- MAGALDI, Sábato. **Iniciação ao teatro**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1986. O livro apresenta uma abordagem sistemática das características e dos problemas básicos do teatro, desde os artísticos até os econômicos, por um dos maiores professores e críticos da área. No primeiro capítulo, no qual o autor explica alguns conceitos do teatro (pp. 09-18), há a explicação da tríade essencial desse gênero.

Habilidade relacionada: Caracterizar a linguagem teatral, relacionando os elementos essenciais dessa linguagem (ator-texto-espectador).

- PEREIRA, Cilene da Cunha et al. **Gêneros textuais e modos de organização do discurso: uma proposta para a sala de aula**. In: PAULIUKONIS, M^a Aparecida Lino. & SANTOS, Leonor Werneck. (Orgs.) **Estratégias de Leitura – Texto e Ensino**. Rio de Janeiro, Lucerna, 2006.

Neste artigo, as autoras examinam a relação entre os gêneros textuais e os modos de organização do discurso, com base na variedade de textos produzidos na sociedade. Trazem didaticamente uma série de quadros-exemplos da relação entre gêneros textuais, modos de organização do discurso e recursos lingüísticos característicos (p. 27-58).

Habilidade relacionada: Reconhecer as características de um texto descritivo.

- SILVA, Edila Viana & ANGELIM, Regina Célia Cabral. **O ensino de língua portuguesa: da heterogeneidade lingüística à prática em sala de aula**. In: PAULIUKONIS, M^a Aparecida Lino. & SANTOS, Leonor Werneck. (Orgs.) **Estratégias de Leitura – Texto e Ensino**. Rio de Janeiro, Lucerna, 2006.

No subitem 2.1, *Propostas de atividades didáticas com o gênero “carta”* (p. 73-79), as autoras desenvolvem várias propostas de atividades com o gênero “carta” (carta pessoal; carta de leitor; carta de pedido de conselho), sugerindo modelos de exercícios de acordo com a função comunicativa.

Habilidade relacionada: Reconhecer as funções da linguagem: emotiva, metalingüística e poética.

- SILVA, Vitor Manoel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. 8 ed. Coimbra: Almedina, 1992. No capítulo 9, subitem 9.8, *Texto, Intertextualidade e intertexto*, o autor expõe o significado, o sentido, os tipos e as funções da intertextualidade como lastro cultural. (p. 592-601).

Habilidades relacionadas: Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e também ao contexto social de cada época.

- SOUZA, Ana Lúcia (et al). **Letramento no ensino médio**. São Paulo: Ação Educativa, 2009. O livro desenvolvido pela organização não governamental Ação Educativa é um instrumento para o trabalho prático com textos de maneira geral. Além de trazer nas apresentações dados estatísticos sobre as avaliações das competências e habilidades de leitura com alunos brasileiros, o livro dedica seu estudo ao foco principal do processo ensino/aprendizagem, o aluno. A partir de relatos e de narrativas de discentes da rede pública de ensino, é possível observar algumas sugestões didáticas e simples de como organizar aulas com os gêneros textuais, resumos. Na página 17, há uma sugestão de prática, *Caixa de gêneros*, que pode ser adaptada ao gênero sugerido pelo currículo mínimo, nesse bimestre.

Habilidade relacionada: Reconhecer as características de um texto descritivo.

- SOUZA, Luis Marques de. & CARVALHO, Sergio Waldeck. **Compreensão e produção de textos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

No capítulo 3, *Estratégias para leitura*, os autores apresentam as últimas contribuições da lingüística no processamento do texto. Expõem e explicam as diversas relações textuais (lingüísticas), contextuais ou pragmáticas (ideologia) e intertextuais (diálogo) que um texto pode apresentar. Trazem para isso uma variedade de

exemplos e muitos exercícios. O tópico referente às relações intertextuais apresenta as diversas formas de intertextualidade: alusão, citação, epígrafe, paráfrase e paródia. (p. 61-92)

Habilidade relacionada: Reconhecer as características de um texto descritivo.

Livros didáticos

- ABAURRE, Maria Luiza M., ABAURRE Maria Bernadete e PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2010.

No capítulo 9 da unidade 3, *A literatura no período colonial, apresentam-se as “Primeiras visões do Brasil”: a revelação do mundo novo; o projeto colonial português, a literatura de viagens e a literatura de catequese (138-152)*. O capítulo é riquíssimo em imagens e mapas e se propõe a inserir o aluno em uma leitura cultural do contexto da época através da linguagem não verbal. Ao final da unidade, apresenta-se o tópico CONEXÕES (p. 154), em que há sugestões de filmes, livros, músicas e sites no intuito de despertar a curiosidade e o aprofundamento dos alunos nos estudos. Já o capítulo 14, *A dimensão discursiva da linguagem*, é dedicado a apresentar os elementos da comunicação e as funções da linguagem de maneira bem objetiva e com exercícios (p. 233-234).

Habilidades relacionadas: Identificar as características do teatro de catequese; Reconhecer as funções da linguagem: emotiva, metalingüística e poética.

- BARRETO, Ricardo Gonçalves. **Português: Ensino Médio** (Coleção Ser Protagonista), São Paulo: Edições SM, 2010.

No capítulo 9, *As origens da literatura brasileira*, o autor apresenta de maneira detalhada todo o contexto histórico, cultural e literário de produção do período quinhentista. Apresenta também uma análise minuciosa de um poema do Pe. José de Anchieta (p. 118) e exercícios sobre a *Carta* de Pero Vaz de Caminha (p. 119).

Habilidade relacionada: Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e também ao contexto social de cada época.

- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português linguagens: volume 1**. 7. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2010.

No capítulo 6, *A fábula* e o apólogo, da unidade 1 (Linguagem e Literatura), os autores reservam um estudo direcionado ao modo de organização textual descritiva no tópico *Escrevendo com técnica*. Com exemplos de descrições de cena, de personagens e de cenário, o livro apresenta exercícios (p. 74-76) para trabalhar com o gênero textual abordado neste bimestre. Já no capítulo 6, da unidade 2, *O quinhentismo no Brasil*, o exercício proposto na página 150 relaciona excertos da carta de Caminha a duas charges, gênero estudado no bimestre passado. Já no Capítulo 2, *O texto teatral escrito*, a inserção do assunto se dá através do tópico “Trabalhando o gênero” (p. 110). Os autores apresentam um fragmento de texto teatral e exercícios que vão desde a interpretação do fragmento ao conhecimento da estrutura e da linguagem do gênero. Depois, sugerem aos alunos a produção e encenação de um texto teatral.

Habilidades relacionadas: Descrever o bairro e os costumes de onde mora; Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e também ao contexto social de cada época; Caracterizar a linguagem teatral, relacionando os elementos essenciais dessa linguagem (ator-texto-espectador).

- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; MARUXO Jr, José Hamilton. **Língua Portuguesa: linguagem e interação**. Vol 1. São Paulo: Ática, 2010.

No capítulo direcionado ao conto, na unidade 1, há uma entrevista (texto 6 – p. 38-39) com a autora de novelas Glória Perez, abordando a relação entre realidade e ficção em seus roteiros teledramáticos.

Habilidade relacionada: Identificar mímeses, metáfora, discurso figurado, mentira e ficção.

Links recomendados

- <http://www.youtube.com/watch?v=QG68BJ7ilc>

Esta videoaula, elaborada por um aluno da Escola de Teatro Martins Pena – Márcio Fecher –, apresenta o teatro catequético como a origem do teatro brasileiro. O autor

utiliza a teoria de Alfredo Bosi para apresentar a obra de José de Anchieta durante cinco minutos e cinquenta e cinco minutos (5'55").

Habilidades relacionadas: Refletir sobre a história e o sentido do teatro na sociedade; Identificar as características do teatro de catequese.

- <http://www1.uol.com.br/rionosjornais/rj13.htm>
A página da UOL, *O Rio de Janeiro, através dos jornais*, escrita por João Marcos Weguelin, traz notícias sobre a Inauguração do Teatro Municipal em 1909. Apresenta-se um dos maiores ícones da arte carioca e brasileira, fazendo uma contextualização histórica do teatro na cidade do Rio de Janeiro. Através de citações dos periódicos mais significativos da época, como *A Imprensa* e *Correio da Manhã*, o professor pode aproximar a aula sobre o teatro ao gênero jornalístico.

Habilidade relacionada: Refletir sobre a história e o sentido do teatro na sociedade.

- <http://www.usp.br/nce/educomjt/paginas/anchieta.pdf>
Esta matéria do caderno Cidadão, do Jornal Folha da Tarde de São Paulo, do dia 11 de junho de 2006 apresenta uma sugestão de aula para o Ensino Fundamental, porém pode ser perfeitamente adaptada ao 4º bimestre da 1ª série do Ensino Médio. A proposta é fazer o professor levar o teatro à sala de aula, com uma breve apresentação do teatro de José de Anchieta. O artigo define as etapas de uma atividade escolar com o teatro: a metodologia empregada, os objetivos, bibliografias e uma breve reflexão do papel do educador frente à arte dramática.

Habilidade relacionada: Caracterizar a linguagem teatral, relacionando os elementos essenciais dessa linguagem (ator-texto-espectador).

- <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=26701>
Esta sequência didática trabalha o teatro na escola. O material, elaborado pelo professor Frederico Marcelo Crochet do Colégio de Aplicação João XXIII, da Universidade Federal de Juiz de Fora, intitula-se *O Teatro na contemporaneidade e o Teatro do Oprimido*. O autor descreve o que o aluno pode aprender com esta aula, a duração da atividade, o passo-a-passo para a realização das aulas, como avaliar, além de sugestões de recursos complementares interessantes como a obra de Augusto Boal sobre o Teatro do Oprimido.

Habilidades relacionadas: Reconhecer a tríade teatral: “Eu observador, Eu em situação, e o Não-Eu, isto é, o Outro”; Caracterizar a linguagem teatral, relacionando os elementos essenciais dessa linguagem (ator-texto-espectador); Refletir sobre a história e o sentido do teatro na sociedade.

- <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=19072>
Esta sequência didática toma como base textos descritivos, tendo o objetivo de levar os alunos a compreenderem as funções e as características de fragmentos de textos dessa tipologia, aprimorando a sua habilidade de leitura e de produção de textos. Utilizam-se textos literários e não literários (manuais de equipamentos) e propõem-se ora atividades individuais, ora em grupos. Com duração de, aproximadamente, duas horas e cinquenta minutos (2 h e 50 min), a sequência pode ser implementada em qualquer turma de 1ª série do Ensino Médio.

Habilidade relacionada: Reconhecer as características de um texto descritivo.

- <http://www.slideshare.net/Bovary16/gramatica888-o-texto-descritivo-aula2>
O material fornecido pelo site apresenta, em forma de slides, as principais características do texto descritivo de forma objetiva, concisa e clara. Iniciando com o conceito de Othon M. Garcia (1973) sobre o assunto, apresenta detalhadamente o que seria a descrição objetiva e a subjetiva, fornecendo exemplos de descrição de pessoas, objetos e ambientes, além de elencar os principais elementos de um texto descritivo. Não se trata de um material para aprofundamento do seu conhecimento, mas pode fornecer um ótimo resumo do assunto para os alunos.

Habilidade relacionada: Reconhecer as características de um texto descritivo.

- <http://www.sampa.art.br/biografias/padreamchieta/>
O site traz a biografia do Padre José de Anchieta, detalhando toda a sua vida tanto em Portugal quanto no Brasil. Além disso, percorre os caminhos por onde o grupo de jesuítas ao qual pertencia passou no interior no período de fundação da Cidade de São Paulo.

Habilidade relacionada: Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e também ao contexto social de cada época.

- <http://www.youtube.com/watch?v=DhXBZZUY5GM>
Neste vídeo de um minuto e quarenta e três segundos (1'43"), apresentam-se fotos e gravuras que relatam resumidamente como era o teatro de catequese. Apesar de o vídeo ser bastante curto e a narração ser concisa, são apresentadas belíssimas gravuras desse período que podem ser usadas para interessantes debates.
Habilidades relacionadas: Identificar as características do teatro de catequese.
- <http://www.youtube.com/watch?v=n6iYNYO-QxE>
Este comercial dos Correios apresenta a declamação de uma passagem da Carta de Pero Vaz de Caminha. Em vez de se mostrarem imagens da época da chegada dos portugueses ao Brasil, apresentam-se imagens do Brasil atual. É uma bela propaganda, de apenas dois minutos (2'), a partir da qual você pode trabalhar com a sua turma várias questões, como a transformação do Brasil desde o seu descobrimento, semelhanças e diferenças do que Caminha descreveu na carta com o que existe hoje.
Habilidade relacionada: Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e também ao contexto social de cada época.
- http://www.youtube.com/watch?v=MUPUW2D_d1g&feature=related
Esta reportagem da TV Senado mostra a verdadeira Carta de Pero Vaz de Caminha, informando onde está e como é tratada para que não se deteriore com o tempo. O relato é entremeado com imagens de filmes que mostram a época do "descobrimento" e pequenas leituras da carta com sotaque de português de Portugal. Ao longo da reportagem, também é inserida a visão crítica de um professor de língua portuguesa acerca desse texto. Não se pode dizer que esse material tenha cunho de aprofundamento de conteúdo para a aula, mas, com certeza, poderá prender a atenção do aluno devido às curiosidades que traz.
Habilidade relacionada: Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e também ao contexto social de cada época.

Como avaliar

As Orientações Pedagógicas e o Roteiro de Atividades vêm refletindo o Currículo Mínimo e sugerindo caminhos para que o professor em sua prática pedagógica possa orientar o seu aluno a compreender as diversas leituras que se pode fazer da realidade em que vivemos. Daí ser indispensável a definição de um texto gerador, mostrando não só o sentido e a finalidade daquilo que se quer em sala de aula, das competências que se deseja atingir, mas porque ele apresenta um critério de organização do trabalho a ser executado pelo aluno. Tal escolha do texto gerador fica, no entanto, a critério do professor, visto que o universo textual é vasto para a organização do trabalho.

Já as avaliações são sistematicamente importantes para se perceber qualitativamente o crescimento do aluno. Para chegar-se a esse crescimento, o percurso deve ser aclarado, isto é, as habilidades devem sempre fazer parte do caminho, visto que é pela prática de uma habilidade, por sua repetição intencional e sistemática que o aluno constrói a competência. Isso se concretiza, por exemplo, por meio da constante avaliação de sua habilidade de identificar uma função da linguagem.

Uma vez que o primeiro contato com as escolas estéticas são os **textos informativos** e os **textos de catequese** – Quinhentismo –, algumas considerações a respeito do discurso literário são importantes. Diferentemente dos outros, tal discurso decorre de um modo de construção que vai além das elaborações linguísticas comuns²³, porque de todos os modos discursivos é o que menos visa a aplicações práticas frequentes: é arte que se constrói com palavras. É, portanto, um momento novo e especial para o aluno apropriar-se da arte literária, tendo dela a experiência literária: conhecimento, participação, fruição, já que, no Ensino Médio, o ensino da Literatura caracteriza-se por procedimento mais sistemático: o contato com as especificidades da arte literária (poema, narrativa) e as chamadas escolas estéticas, baseadas em fatores linguísticos, culturais e ideológicos.

Isto posto, como saber se o aluno está dominando a leitura e a escrita diante desses novos desafios? Que ações ele deve praticar, sistematicamente, para construir a competência dos três eixos – leitura, uso da língua e produção textual – organizadores das ações de ensino e aprendizagem?

²³ No artigo, "Gramática e Literatura: desencontros e esperanças", a autora Lígia Chiappini chama a atenção para o específico trabalho com a linguagem literária: "O artista restaura (...) o original ambíguo e criativo da linguagem, *contra a tendência cotidiana de fixação do sentido*. É nessa linguagem originária que podemos perceber, além de uma significação conceitual das palavras, uma significação existencial, que não se traduz pela palavra, mas a habita, sendo inseparável dela. Esse poder de expressão da linguagem, a arte explora sistematicamente, abrindo novas dimensões à experiência." (In: GERALDI, João Wanderley, (org.) *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2006, p. 24).

O primeiro foco do bimestre, aquele que mostra as primeiras visões do Brasil, é o **texto informativo**, representado, no Roteiro de Atividades, pela **Carta de Pero Vaz de Caminha** (há outros dentre tantas possibilidades, como os Relatos de Viagens e os Tratados)²⁴. Nesse sentido, pode-se pensar em **avaliações** que envolvam alguns recortes relativos: **a)** ao gênero discursivo²⁵ que se encontra em jogo; **b)** ao tipo ou às sequências textuais que o configura; **c)** à função sociocomunicativa do gênero em questão; **d)** ao tema abordado; **e)** ao espaço e/ou tempo de produção; **f)** aos recursos linguísticos em uso.

Tendo alguns conhecimentos prévios, o aluno terá de reconhecer, após a leitura do primeiro **texto informativo**, o gênero discursivo em questão, a **carta**²⁶ e os **elementos que a estruturam**²⁷: vocativo, local, data, texto, assinatura. Tal gênero apresenta uma situação comunicativa em que os parceiros (escrivão-mor e o rei D. Manuel) não estão face a face, mas mantêm suas identidades psicológicas e sociais. Além disso, a carta tem por finalidade expor pontos de vista do seu locutor em favor de determinado assunto ao seu interlocutor (função sociocomunicativa).

Após o reconhecimento do gênero discursivo, o passo seguinte é identificar qual a sequência textual predominante no texto: **a descritiva**. Segundo Garcia (1977), a “descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem”²⁸. Descrever não é enumerar o maior número possível de detalhes, mas assinalar os traços mais singulares; é fazer ressaltar do conjunto uma impressão dominante e única.

Em seguida, perceber os **recursos linguísticos em uso**, isto é, a **classe de palavra** e a **figura de palavra** de que Pero Vaz de Caminha mais fez uso para assinalar os traços mais singulares do índio e da paisagem brasileira: a **adjetivação** e a **comparação**, recursos-chave do texto descritivo, pois ampliam a visualização do objeto descrito. Contribui também como recurso em uso o reconhecimento da função emotiva da linguagem²⁹, aquela cujo objetivo da mensagem é a expressão das emoções, atitudes, estados de espírito do emissor com relação ao que fala. Pode-se reconhecer em algumas passagens a emoção de Caminha em relação ao índio e à paisagem.

²⁴ Embora as Orientações Pedagógicas estejam focalizando a Carta de Pero Vaz de Caminha, os mesmos seis recortes avaliativos expostos a seguir também são válidos para o **Tratado** de Pero de Magalhães de Gandavo.

²⁵ PEREIRA, Cilene da Cunha et alii. *Gêneros textuais e modos de organização do discurso: uma proposta para a sala de aula*. p. 27-58.

²⁶ Embora o gênero predominante seja a carta, há aspectos de outros gêneros como o diário de bordo e crônicas históricas.

²⁷ SILVA, Edila Viana & ANGELIM, Regina Célia Cabral. *Propostas de atividades didáticas com o gênero “carta”*. p. 73-79. In: *O ensino de língua portuguesa: da heterogeneidade linguística à prática em sala de aula*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2006.

²⁸ GARCIA, Othon M., *Comunicação em prosa moderna*. 5ª edição. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1977, p. 216.

²⁹ CHALHUB, Samira. *Funções da Linguagem*. São Paulo: Ática, 1997, p. 16.

Além de explorar os **elementos que estruturam o gênero em questão e os recursos linguísticos**, é relevante não só explorar a função sociocomunicativa, assim como verificar os interlocutores envolvidos, pois a construção da imagem do locutor e do interlocutor é imprescindível para o sentido global do texto: o escrivão-mor da frota de Pedro Álvares Cabral, Pero Vaz de Caminha, escrevendo a el-rei D. Manuel com a finalidade de descrever o deslumbramento com o descobrimento de uma nova terra, assim como as primeiras impressões acerca do índio. Além de solicitar também ao rei, no final da carta, que o seu gênero saia do degredo.

Por isso, é importante que aluno identifique os **índices contextuais e situacionais** que permitam a construção da imagem do locutor (Pero Vaz) e do interlocutor (el-rei D. Manuel) para analisar as implicações sócio-históricas dos índices contextuais. A carta foi escrita 10 dias após a chegada de Cabral às terras brasileiras e endereçada ao rei de Portugal, em 01 de maio de 1500, para informar a chegada a uma nova terra, descrevendo tudo o que pudesse interessar ao governante, ou seja, explicita um momento de consolidação das grandes navegações. Comparar dois textos decorrentes do momento histórico de produção, neste caso, é uma estratégia que o professor pode lançar para o aluno identificar marcas e valores e intenções dos agentes produtores em função de seus comprometimentos e interesses políticos, ideológicos e econômicos. Um bom exemplo seria comparar a Carta a um fragmento do Tratado da Terra do Brasil, de Pero de Magalhães de Gandavo.

Além dessa estratégia, uma outra é fundamental para mostrar o contraponto desse primeiro olhar, a relação entre textos: **a intertextualidade**. Para entender esta relação, comparar textos distantes no tempo para avaliar a maior e a menor fidelidade ao texto original e verificar a sua intenção é um bom recurso de utilização de paráfrase, porque aponta “a reprodução de idéias de um texto em outro texto, isto é, por outras palavras”³⁰.

No Modernismo, há muitos textos que podem servir de diálogo para o aluno perceber a intertextualidade, principalmente os de Oswald de Andrade e a sua poesia *Pau Brasil*. O aluno deve reconhecer como a intertextualidade pode se manifestar através da paródia, que “reflete uma nova intenção a um texto anterior, consistindo basicamente na apropriação de um texto primitivo com intenções críticas, humorísticas ou apelativas”³¹. É necessário também avaliar a intenção da paródia,

³⁰ SOUZA, Luis Marques de. **Compreensão e produção de textos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 69.

³¹ Idem. *Ibidem*, p. 71.

ao solicitar ao aluno para identificar referências (citação) ou remissões (alusão) ao texto primitivo. Ademais, estabelecer relações temáticas e/ou estilísticas de semelhança ou oposição é um outro mecanismo para notar a construção e a ideologia presentes, já que o fenômeno da intertextualidade tem por finalidade *corroborar* ou *contestar*³² um *status quo* vigente.

Para encerrar o *eixo leitura*, o aluno pode expor oralmente o seu ponto de vista não só em relação à realidade da época estudada, mas à atual, para que reflita sobre o mundo e sobre si mesmo, sobre o meio em que vivemos: das grandes expedições/navegações à globalização; da cultura indígena à diversidade étnica e cultural.

O outro foco do bimestre, sugerido pelo Currículo Mínimo, são **os textos de catequese**, textos com intenção pedagógica e moral de unir à fé um zelo constante pela conversão do índio no século XVI. O segundo texto gerador, sugerido pelo Roteiro de Atividades, é o **Auto de São Lourenço** do Padre José de Anchieta, um texto dramático que se destina à edificação do índio e do branco em certas cerimônias litúrgicas. Novamente, o professor pode escolher o seu texto gerador para o trabalho com o gênero dramático, e adotar aqui os mesmos critérios citados para avaliar as habilidades em estudo no bimestre. Diferente CEDERJ- Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro do *gênero carta*, talvez seja a primeira vez que o aluno esteja em contato com o *gênero teatral* (dramático); logo, a primeira habilidade a se avaliar seria o modo de organização da linguagem deste texto. Entretanto, é importante o aluno ter conhecimento de que tal gênero se destina a ser lido e/ou representado, sendo este um bom momento para compreender o conceito de *mimesis* e o funcionamento da **triade teatral** ator-texto-público, pois entre ator e público é estabelecida uma cumplicidade: ambos sabem que se trata de um jogo, de uma representação³³. Enquanto texto escrito, o seu receptor é o *público leitor*; já enquanto texto encenado, o seu receptor é o *público espectador*.

O aluno também deve reconhecer que esse gênero pode ser escrito em prosa ou em verso e que as falas das personagens são introduzidas pelo discurso direto. Outro fator essencial a ser reconhecido é a semelhança do texto narrativo com o texto dramático. Ambos contam uma história em que os personagens desenvolvem uma intriga localizada num espaço e num tempo.

³² CEREJA, William Roberto. **Português linguagens**: volume 1/7ª ed. São Paulo: Saraiva. 2010, p. 113.

³³ SILVA, Vitor Manoel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. 8 ed. Coimbra: Almedina, 1992, p. 600..

Sendo assim, o aluno deve identificar que a estrutura do gênero teatral pode ser dividida em duas: *a externa* e *a interna*. A estrutura *externa* diz respeito aos *atos* e às *cenas*. *Atos* são longas e importantes sequências que correspondem a um espaço/cenário específico (muda o ato, muda o cenário). Já as *cenas* são pequenas sequências delimitadas pela entrada e saída de personagens. A estrutura *interna* diz respeito à ação que, por sua vez, pode distinguir-se em três momentos: a apresentação, parte inicial que contém a **apresentação** das personagens e da situação; o **conflito**, desenvolvimento da ação através de momentos de tensão e de expectativa que se intensificam até ao clímax; e o **desenlace**, parte final que apresenta o desfecho da ação.

Fora isso, uma atenção especial ao **texto principal** e ao **texto secundário são importantes para o aluno perceber as marcações importantes da linguagem teatral**³⁴. O texto *principal* é composto pelas falas ou réplicas das personagens, escrito em discurso direto. Já o texto *secundário* é composto pelas indicações cênicas ou rubricas (didascálias) que se destinam ao leitor, ao diretor da peça e aos atores. São informações sobre a movimentação das personagens no palco, as atitudes que devem tomar, os gestos que devem fazer ou a entoação de voz com que devem proferir as palavras durante as cenas.

Após esse contato com o modo de organização da linguagem do texto teatral, o aluno deve saber identificar que o auto é uma peça curta, em geral de cunho religioso, que as personagens representam conceitos abstratos, como a bondade, a virtude, a hipocrisia, o pecado, a gula, a luxúria. No *Auto de São Lourenço*, por exemplo, há as personagens *Temor de Deus* e *Amor de Deus*. Logo, identificar os elementos que se referem a cenas bíblicas e de passagens da vida dos santos demonstra também o reconhecimento das características do teatro de catequese.

Para que a linguagem teatral seja apreendida, uma ação concreta que pode ser proposta aos alunos é a identificação, em um fragmento de uma peça teatral, de todas as características envolvidas no texto dramático: finalidade, perfil dos interlocutores, tema, estrutura, linguagem. Outra possibilidade é solicitar que criem uma cena a partir de um texto não dramático, respeitando-se todas as características da estrutura interna e externa e do texto principal e secundário: cena, personagens, discurso direto, rubricas etc.

Por último, é interessante que o aluno possa refletir sobre a história e o sentido do teatro na sociedade colonial, reconhecendo que a **função específica do teatro de catequese** é fazer com que, através das fortes emoções experimentadas, o público reflita sobre as paixões e vícios humanos. E que os dois elementos essenciais para este tipo de texto sejam justamente

³⁴ Disponível em: <[www:http://pt.scribd.com/doc/47872430/Gil-Vicente-e-Texto-Dramatico-Ficha-Informativa](http://pt.scribd.com/doc/47872430/Gil-Vicente-e-Texto-Dramatico-Ficha-Informativa)>. Acesso em 04 de set 2011. Formatado: Português (Brasil).

a importância do público (principalmente os índios) e a possibilidade de desencadear emoções por meio da representação. Como função geral, o teatro diverte, satiriza a classe política, reflete sobre os problemas sociais, conscientiza politicamente os oprimidos. Faz, enfim, refletir sobre a própria condição humana. A proposta de produção textual do Currículo Mínimo no 4º bimestre é a descrição do bairro e dos costumes de onde mora o aluno. É essencial, portanto, o aluno ter contato com um conjunto de informações (coletânea de textos) que o ajude a ter as melhores condições para produzir o seu texto, não somente em termos de tema, mas também em termos de estrutura. A Carta de Pero Vaz de Caminha é um bom exemplo, já citado aqui de texto descritivo.

Seria interessante, no entanto, destacar para o aluno a dificuldade de se encontrar um texto exclusivamente descritivo, já que, geralmente, o segmento descritivo aparece como expansão do texto narrativo. E, na avaliação, é importante verificar se o texto do aluno apresenta as principais características que definem a sequência textual do gênero proposto: a descrição propriamente dita. Alguns elementos³⁵ próprios desse texto, professor, podem auxiliá-lo na avaliação, por exemplo: a predominância de verbos de estado (ser, estar, parecer, ficar, continuar), usados quase sempre no presente e no imperfeito do indicativo; a ênfase na adjetivação; o emprego de comparações, sinestésias, metáforas; as expressões sensoriais de cunho gustativo, olfativo, tátil, auditivo, visual que denotam gostos, cheiros, cores, formas, sons etc. Tais recursos são responsáveis por oferecer ao leitor/ouvinte uma visualização do cenário (bairro) de forma viva e detalhada, objetivo maior da descrição.

Além de verificar se o aluno em sua produção textual sabe usar a linguagem descritiva e comunicar pensamentos, ideias, em acordo com a norma culta, é importante estimulá-lo a ver a criação de um texto como um reflexo das mesmas habilidades das quais ele se utiliza para fazer a leitura. Sendo assim, o aluno deve estar ciente de que há um contexto de produção, um interlocutor, um agente de produção, recursos linguísticos e gênero discursivo envolvidos no processo leitura-escrita. E, tal qual na leitura de um texto literário, ele pode ser incentivado a produzir um texto com características estéticas, com a presença, por exemplo, de recursos prosódicos, da função poética da linguagem e de figuras de linguagem, ou seja, com estilo e com autoria.

³⁵ In: Coleção Objetivo – Sistema de Métodos de Aprendizagem. Livro 28, Redação, Capítulo 3 – Descrição, p. 19-35, s/d.